



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE GEO HISTÓRIA– DHG
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Estágio Supervisionado Obrigatório

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
HISTÓRIA
EXPERIÊNCIAS DA SALA DE AULA

JULIANA RODRIGUES DE SOUZA

GUARABIRA-PB
DEZEMBRO DE 2011

JULIANA RODRIGUES DE SOUZA

Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
HISTÓRIA**

EXPERIÊNCIAS DA SALA DE AULA

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Coordenação do Curso de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profª Mariângela de Vasconcelos Nunes

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719r

Souza, Juliana Rodrigues de

Relatório de estágio supervisionado em história:
experiências de sala de aula / Juliana Rodrigues de
Souza. – Guarabira: UEPB, 2011.

26f.: Il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mariângela de Vasconcelos
Nunes”.

1. Estágio Supervisionado 2. Planejamento Didático
3. História - Ensino I.Título.

22.ed. CDD 372.12

JULIANA RODRIGUES DE SOUZA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
HISTÓRIA**

EXPERIÊNCIAS DA SALA DE AULA

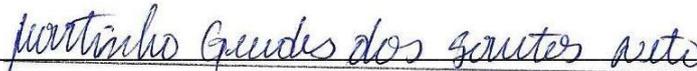
Avaliado em: 09 / 12 / 2011

Nota: 10,0

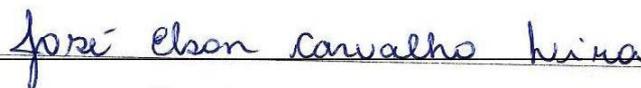
BANCA EXAMINADORA



Orientador (a): Prof^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes



Examinador: Prof^o. Ms. Martinho Guedes dos Santos Neto



Examinador: Prof^o. Ms. José Elson Carvalho Lira

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por me manter com fé, força e perseverança para chegar até aqui.

A minha família. A minha mãe, Luzinete e meu irmão, Yuri e são a razão pela qual me levanto e luto todos os dias.

Aos meus amigos, aqueles que se “foram”, mas deixaram em mim marcas que jamais serão apagadas e, aqueles que estão presentes e me deram forças nos momentos de tristeza e vibraram nos momentos de alegria.

Aos obstáculos, pois estes me fizeram crescer e me tornar mais forte, aprendendo com as experiências a lidar com os impasses da vida.

A Profª Mariângela (UEPB/GBA) por me orientar tão pacientemente neste relatório.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste na apresentação do texto do Relatório de Estágio Supervisionado, apresentado ao componente curricular Prática pedagógica IV, no ano letivo 2010.1, do Curso de Licenciatura Plena em História do centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Nele discuto três questões: a observação da escola onde estagiei, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Profº José Soares de Carvalho, localizada na cidade de Guarabira – PB; as descrições das aulas por mim regidas e por fim faço uma breve discussão a cerca da indisciplina e do planejamento didático.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Indisciplina; Planejamento didático.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO.....	8
2.1 OBSERVAÇÃO–ESTRUTURA FÍSICA/MATERIAL DA E.E.E.F.M. PROFº. JOSÉ SOARES DE CARVALHO.....	8
2.2. OBSERVAÇÃO – O PROFESSOR NA SALA DE AULA.....	14
2.3. ESTÁGIO REGÊNCIA.....	16
3. INDISCIPLINA OU FALTA DE PLANEJAMENTO DIDÁTICO?.....	20
3.1. (RE) PENSANDO O PLANEJAMENTO DIDÁTICO.....	23

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTO COMPLEMENTAR

1.INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo relatar o processo de estágio supervisionado realizado em dupla por todos os alunos do curso de Licenciatura Plena em História da turma 2007.1 do turno da tarde, do Campus III da UEPB, na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório. O Estágio escolar é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). Dando assim a oportunidade ao profissional em formação associar teoria a prática docente.

A metodologia utilizada para cumprir as metas do estágio supervisionado consistiu primeiramente na observação da escola em que ocorreu o estágio, o que propiciou uma aproximação com a realidade escolar na qual estagiei. Assim, observei a comunidade estudantil durante várias visitas a instituição escolar, para em seguida com o conhecimento básico da estrutura física e da comunidade estudantil, iniciar as observações das aulas. Posteriormente, ministrei aulas numa turma do Ensino Fundamental. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo relatar a trajetória do estágio desde a observação até o estágio regência.

O estágio supervisionado é um momento de fundamental importância no processo de formação, e constitui-se em um treinamento que possibilita ao discente vivenciar o que foi estudado na Universidade e deslocá-lo para a sala de aula, aproximando-o da escola, dos alunos, do seu futuro ambiente de trabalho. Ainda que a formação oferecida na Universidade seja de fundamental importância, ela por si só não é suficiente para formar e preparar o estudante para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se, então, necessária a inserção do aluno na realidade do cotidiano escolar para aprender com a prática dos profissionais da docência (PIMENTA, 1995).

De acordo com Almeida (1995) os estágios curriculares devem ser desenvolvidos em três etapas: a primeira é a observação, em que o aluno é colocado em contato direto com as turmas e fica incumbido de observar a aula do professor destas, anotando num caderno próprio o desenrolar da aula; a segunda é a participação do aluno-estagiário, que fica invariavelmente dependendo da vontade do professor da classe, e traduz-se no cotidiano da sala de aula, mas na maioria das vezes, a participação simplesmente não existe; e a última é a regência das aulas, através da intervenção, quando o aluno elabora um plano de aula sobre determinado assunto, em seguida executa aquilo que foi planejado na classe onde está fazendo o estágio. Cabe ao professor supervisor assistir a aula, e mediante a um roteiro, ele faz críticas ou elogios ao desenvolvimento e desempenho do aluno-mestre durante a regência das aulas.

O presente relatório faz, portanto, referência aos seguintes tópicos: as discussões realizadas em sala de aula sobre o estágio (ESO II), em que tive toda uma base teórica a partir do debate de textos para a produção deste relatório; a observação da escola e do cotidiano escolar, bem como a relação entre professores e alunos; a regência que é o estágio propriamente dito; e por fim minha experiência em sala de aula expondo meu cotidiano como professora regente e a minha relação direta com os alunos da escola.

2.DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

2.1 – Observação- estrutura física/material da E.E.F.M. Profº José Soares de Carvalho

Inicialmente, fui a campo para coletar informações sobre a escola e a partir das observações realizadas elaborei a caracterização da estrutura física/material da escola. Tais dados correspondem ao mês de Junho do ano de 2010.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profº. José Soares de Carvalho reconhecida pelo CEE (Conselho Estadual de Educação) pelo Decreto 4.587/84 está localizada na Rua Henrique Pacífico nº 45, Bairro Primavera, na cidade de Guarabira/PB.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

A escola oferece dois níveis de ensino, o Fundamental do 6º ano ao 9º ano, e o Ensino Médio. A escola conta ainda com um programa federal: o Pró Jovem. Este oferece aos jovens, durante um ano, chance de aceleração de aprendizagem (para conclusão da 8ª série), inclusão

digital e qualificação profissional básica. O aluno matriculado recebe um incentivo mensal de R\$ 100,00, além disso, ele deve desenvolver ações sociais em suas comunidades.

Abaixo podemos observar a distribuição dos professores por disciplina e titulação (Quadro 01):

Disciplina	Nº de Professores	Graduados	Especialistas	Mestres
Artes	03	03	-	-
Biologia	03	03	-	-
Ciências	08	08	-	-
Educação Física	04	04	-	-
Filosofia	01	01	-	-
Física	03	03	-	-
Formação p/ Vida	02	02	-	-
Geografia	08	04	04	-
História	08	04	04	-
Inglês	05	05	-	-
Matemática	12	12	-	-
Português	12	06	06	-
Química	04	04	-	-
Sociologia	02	02	-	-
TOTAL:	75	61	14	-

Quadro 01 – Distribuição dos Professores por Disciplina e Titulação.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Em um total de 75 professores, todos formados, apenas 14 são especialistas, não havendo nem mestres nem doutores. Ademais nem todos os professores lecionam nas áreas para os quais são formados. Assim, a sala em que realizei o estágio de observação estava a cargo de uma professora de Geografia, embora a disciplina ensinada fosse História.

Encontram-se matriculados na instituição 2.024 alunos, sendo 824 do turno da manhã, 750 da tarde e 450 da noite. A escola possui vinte salas de aula, todas espaçosas. Cada sala de aula tem birô e quadro negro. No entanto, nem todas possuem cesto de lixo e somente algumas têm ventiladores em bom estado de funcionamento. Também possui aparentemente uma boa iluminação.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

A escola dispõe de uma sala de vídeo que se encontra num local amplo, com uma televisão de 29 polegadas, um DVD e um data show. Todos esses recursos estão à disposição dos professores, para sua utilização quando necessário. Todas as atividades físicas são realizadas no Ginásio da escola, que dispõe de uma boa estrutura física e bom estado de conservação. Tais espaços são de fato utilizados pelos alunos, entre duas a três vezes durante a semana para práticas de esportes como futebol, vôlei, handebol e as aulas de educação física, disciplina esta incluída no componente curricular da escola.

Os banheiros são amplos e se encontram em local acessível a todos os alunos, porém o estado de conservação das portas é ruim, pois se encontram riscadas e algumas não fecham. No que se refere a limpeza, esta é feita com frequência pelos auxiliares de serviços gerais da escola. Os bebedouros também estão em locais acessíveis, apenas um deles está bastante desgastado e desperdiça muita água, pois há um constante vazamento.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

A escola possui biblioteca, não muito grande, mas que corresponde as necessidades básicas dos alunos, pois possui uma boa quantidade de livros, revistas e jornais que são

utilizados como fonte de pesquisas para os alunos. Observei ainda a ausência de bibliotecário nos turnos vespertino e noturno, pois este só está presente no período da manhã. Existem dois laboratórios: um de informática e outro de ciências. O primeiro é utilizado por professores e alunos e tem acesso a internet; o segundo está em ótimas condições de conservação e possui grande quantidade de materiais a serem trabalhados, sobretudo nas aulas de Química, Física, Biologia e Ciências. Nota-se a falta de material de pesquisa para as disciplinas de História e Geografia, havendo apenas alguns mapas expostos em sala de aula, mas sem uma significativa utilidade tanto para o aluno quanto para o professor.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

O auditório é muito amplo, possui um palco onde são realizadas apresentações dos alunos e de palestras realizadas por possíveis visitantes. A merenda é acondicionada na cozinha, onde é preparada. As merendeiras dispõem de um cardápio variado para a semana, composto por sanduíches, cuscuz, entre outros, mas que visivelmente não corresponde a uma boa dieta para os alunos que, em sua maioria, são jovens em fase de crescimento. Não, havendo refeitório na escola, na maioria das vezes os alunos fazem as refeições no pátio interno ou então dentro das salas de aulas. Os auxiliares administrativos trabalham na secretária, que fica numa sala ampla, com boas condições físicas, próxima a entrada da escola.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

A diretoria está num local de fácil acesso, tanto para os professores quanto para os alunos. A sala dos professores é grande, possui mesas com cadeiras e sofás, armários para os professores guardar os seus materiais. Além disso, durante o intervalo é servido aos professores um lanche que contém frutas, bolos, café e sucos.



Fonte: Arquivo da autora

Foto: Juliana Rodrigues de Souza, 2010

A seguir apresento a distribuição dos funcionários de acordo com o cargo ocupado e por turno (Quadro 02):

CARGO	QUANTIDADE	MANHÃ	TARDE	NOITE
Diretor (a)	01	TODOS OS TURNOS		
Vice-Diretores (as)	03	01	01	01

Secretários (as)	01	TODOS OS TURNOS		
Coordenadores (as) Pedagógicos	01	TODOS OS TURNOS		
Supervisores (as)	03	01	01	01
Psicólogo	00	00	00	00
Assistente Social	00	00	00	00
Agentes Administrativos	12	04	04	04
Auxiliar de Serviços Gerais	09	03	03	03
Merendeiras	06	02	02	02
Porteiros	03	01	01	01
Vigias	03	00	01	02
Arquivistas	01	TODOS OS TURNOS		
Bibliotecários	01	01	00	00

Quadro 02 – Distribuição dos Funcionários de Acordo com o Cargo Ocupado/Turno.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

De acordo com o quadro acima, a escola conta com diretor, vice-diretores, um coordenador pedagógico e três supervisores escolares. Todos os funcionários que compõem o quadro possuem curso superior e alguns com especialização. No entanto, a escola não possui psicólogo, nem assistente social para acompanhar os alunos e sua família.

Durante o estágio observei alguns dos seguintes problemas, como salas de aula super povoadas tendo em média de 50 a 55 alunos cada; salas de aula barulhentas e quentes (sem ar-condicionado, com ventiladores barulhentos); falta de móveis; depredação de portas, janelas, cadeiras, ventiladores, banheiros, o que levou a direção a instalar câmeras de vídeo em alguns locais da escola para monitorar os alunos. É muito comum também encontrarmos professores que lecionam em mais de uma escola o que é cansativo e desgastante, entretanto, necessário para sua própria sobrevivência visto que os salários são baixos. Existem também aqueles que atuam em áreas diferentes de sua formação acadêmica (professores formados em Geografia lecionando História).

2.2 – Observação- o professor na sala de aula

Neste momento, busquei observar a prática pedagógica adotada pelo professor e observar o cotidiano da sala de aula, atentando para várias questões como: identificar as estratégias de ensino utilizadas pelo professor, os recursos utilizados por ele, como ele utiliza o livro didático, o tipo de avaliação frequentemente aplicada por ele, a receptividade dos alunos com relação à aula desenvolvida pelo professor, a forma de disciplina em sala de aula, a participação dos alunos na aula de História, a relação professor-aluno, entre outras coisas.

A observação das aulas propriamente dita ocorrera entre os dias 02/06 e 16/06, perfazendo um total de seis aulas, sendo duas por dia. Realizei a observação juntamente com uma colega de turma que posteriormente dividiu comigo a experiência do estágio regência. Observei as aulas em uma turma de Ensino Médio no turno da tarde, ministradas por uma professora de geografia que estava substituindo a professora titular que se encontrava afastada por problemas de saúde. As observações foram realizadas no Ensino Médio, mas o estágio regência foi feito numa sala de Ensino Fundamental. Esse remanejamento ocorreu em decorrência do excesso de estagiários e poucas salas de aula para realização do estágio.

A sala que observamos, possuía 38 alunos, numa faixa etária entre 16 e 18 anos aproximadamente, de ambos os sexos, sendo a maioria residente na cidade de Guarabira e alguns de municípios vizinhos, como Pirpirituba, entre outros.

A primeira aula observada iniciou-se com a chamada. Logo após, a professora utilizou trinta minutos da aula para que os alunos terminassem uma atividade de outra disciplina e para organização da sala, isto é arrumação das cadeiras e disposição dos alunos em seus lugares. Apesar de ter um bom relacionamento com a turma, a professora não detém o domínio da classe, ficando a cargo de alguns alunos impor a “ordem” na sala de aula. Durante a chamada a maior parte dos alunos estava tirando fotos na sala, ouvindo MP3 e outros respondiam a chamada e se ausentavam da sala, além de ficarem escrevendo no quadro textos não pertinentes a aula. Somente na observação da segunda aula foi explanado o conteúdo pela professora que tratava do “Segundo Reinado”, fora realizado inicialmente com uma leitura rápida do livro didático *História hoje* (CARDOSO, 2006) que durou aproximadamente dez minutos para posteriormente a professora comentar o assunto. Percebemos que a professora tinha dificuldade em ministrar a aula, por ser substituta, havendo assim confusão entre os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, uma vez que os alunos diziam estarem dois

capítulos a frente daquele que a professora queria trabalhar. Assim, a mesma se ateu ao método de ensino tradicional, utilizando somente o livro didático, pedindo aos alunos que lessem o conteúdo, depois respondessem os exercícios propostos no mesmo. Os alunos limitavam-se a copiar trechos do conteúdo como resposta para o exercício. Outros recursos utilizados foram o quadro negro e giz.

Nesse contexto, as aulas de história eram vistas pelos alunos como aulas desinteressantes, cabendo a eles memorizar os conteúdos, uma vez que a avaliação se dava através do estudo dos exercícios propostos no livro didático em que o trabalho do aluno era basicamente decorar os conteúdos.

De acordo com o artigo 35, da Lei nº. 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Ensino Médio, etapa final da educação básica, tem como finalidades: o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado. Baseando-me nesta proposta, pensei o posterior estágio regência, com base em uma perspectiva que buscasse estimular a criatividade dos alunos a cerca dos conteúdos que viriam a ser trabalhados nas aulas e tentando deslocar para a realidade em que vivem.

Ao fim da aula, a professora nos informou sobre o rendimento nas avaliações dos alunos, limitando-se apenas a comentar sobre aqueles que estavam na média e eram a maioria na sala. Os demais, ou seja, aqueles que estavam abaixo da média eram marginalizados em suas falas.

2.3 – ESTÁGIO REGÊNCIA

O Estágio é o momento de exteriorização da aprendizagem, constituído em uma atividade que se efetiva mediante a inserção no espaço educacional e no contato com os professores que se dispõem a receber, acompanhar e orientar os futuros professores no processo de aprendizagem da docência (FRANÇA, 2006).

As aulas de regência foram ministradas entre os dias 07 de outubro a 18 de novembro, tendo uma carga horária de duas aulas por dia de estágio e sendo realizadas nas quintas-feiras num total de dez aulas de regência. O estágio foi feito no Ensino Fundamental no turno da

tarde. Assim, fiquei numa sala diferente do período de observação (3º ano do ensino Médio), sendo acompanhada a partir de então, por outra professora da escola.

A turma do Ensino Fundamental, em que regi as aulas de História, era composta por 43 alunos, que tinham entre 13 e 15 anos aproximadamente, de ambos os sexos, sua maioria residindo na cidade de Guarabira e os demais em cidades circunvizinhas.

Com base nas observações realizadas anteriormente, busquei elaborar planejamentos do que seria ministrado na primeira aula, esquematizando um plano de aula com base na realidade dos alunos, de modo que os eles possam perceber a importância do que está sendo ensinado. O planejamento das aulas contribui para a realização de aulas satisfatórias em que os estudantes se sintam estimulados, tornando o conteúdo mais agradável com vistas a facilitar a compreensão.

No dia 07/10/10, foi ministrada a primeira aula regência. Minha colega de estágio e eu nos apresentamos aos alunos buscando uma relação amistosa com a turma. Ministramos duas aulas seguidas, a primeira antes do intervalo e a segunda aula logo em seguida. Aproveitamos esta aula para expor o conteúdo: “Os conflitos no Oriente Médio”. Iniciamos a aula com a leitura do assunto. Procuramos a efetiva participação dos alunos por meio da leitura do conteúdo juntamente conosco, no entanto, apenas uma aluna se prontificou a ler e os demais que foram por nós solicitados, se recusaram. Foram discutidas dentro do conteúdo as origens dos conflitos atentando para os países que participaram deste e seus interesses, bem como questões territoriais e raciais.

Para uma melhor compreensão do assunto pelos alunos utilizamos como recurso metodológico desta aula o data-show. Explanamos de maneira mais dinâmica a relação entre os países envolvidos nos conflitos utilizando mapas e fotos pertinentes ao conteúdo. Em seguida, discutimos a parte dos conflitos propriamente dita, desde seu advento. Busquei fazer ligação com o que se vê em noticiários e me baseando-me em dados atuais, buscava novamente a participação dos alunos na aula, através do seu próprio conhecimento. Na segunda parte da aula, houve certo descontrole no horário, pois os alunos demoraram a se reorganizarem na classe. Logo que a situação estava organizada, continuei a explicação do conteúdo enfatizando aos conflitos entre israelenses e palestinos devido à complexidade de tal assunto e por ser um tema discutido na atualidade. Segundo Callai, “o conteúdo deve estar sempre interligado com a realidade do aluno, de forma que ele possa construir sua cidadania e criticidade” (CALLAI, 2001).

Finalizada a explanação, partimos para a aplicação do exercício contido no livro didático e feito no caderno, em que os alunos levaram o restante da aula, cerca de 25 minutos, para responder as questões propostas.

A aula ministrada no dia 14/10/10 foi utilizada para correção do exercício aplicado na aula anterior, em que novamente foi solicitada a participação dos alunos e os mesmos foram mais dinâmicos. No entanto, nos chamou a atenção para a padronização das repostas. Elas eram “cópias” de trechos do conteúdo, mostrando a dificuldade dos alunos em refletir e elaborar textos ou comentários próprios.

Após a correção seguiu-se o intervalo, e depois deste, abrimos um debate sobre os “textos complementares” contidos no livro didático e referentes ao conteúdo sobre “Os conflitos no Oriente Médio”. O formato do debate fora o seguinte: dividimos a classe em dois grupos, em que deixamos a critério dos alunos a divisão da turma. Os mesmos optaram por uma divisão sexual: meninos e meninas. Divididos os grupos, partimos para explicação da temática central dos textos escritos pelo palestino Edward Said e o outro, pelo israelense Amós Oz. O grupo dos meninos ficou com o texto “Crise mostra importância da questão palestina” de Edward Said e o grupo das meninas discutiu com o texto “Israel e Palestina: entre o certo e o certo” de Amós Oz. Encontramos dificuldade, pois não havia livros suficientes para toda a turma. Depois da leitura, pedimos para os alunos exporem os pontos de vista de ambos os autores, já que os textos tratavam de duas perspectivas diferentes sobre os conflitos entre Israel e Palestina. Respondidas as questões pertinentes aos textos complementares, partimos para o debate propriamente dito, em que os dois grupos de alunos leram as respostas. Buscamos assim, estimular os alunos a reelaborar suas falas, mas a maioria das respostas foram simplesmente copiadas dos textos complementares. O experimento de utilizar tais textos complementares objetivava a participação mais efetiva dos alunos de maneira crítica, já que os textos mostravam pontos de vista diferentes a cerca da questão palestina e israelense. Depois de concluído o debate, a professora regente recolheu as questões e disse que iria atribuir nota de participação. Assim, concluímos as aulas sobre “Os conflitos no Oriente Médio”.

No dia 21/10/10 ministramos nossa terceira aula, apresentando o conteúdo “Populismo na América Latina”. Discutimos esse tema a partir do resumo do assunto em tópicos, expostos no quadro negro e copiados no caderno pelos alunos. Atentamos para aspectos sobre os principais regimes populistas e seus líderes na América Latina. Esclarecemos as perspectivas do populismo, destacando-se na América Latina a Argentina, tendo como líder Juan Péron e

na Bolívia, Víctor Paz Estenssoro. A turma se mostrou um pouco mais atenta durante esta aula e menos agitada. Acredito que isto foi devido a utilização do quadro negro como recurso metodológico. As anotações no quadro negro prenderam a atenção dos alunos. Nos perguntamos por que a estratégia da cópia mobiliza mais os alunos do que o debate? Não temos uma resposta pronta. Apenas indagações. Será que os alunos estão mais habituados a prática de memorização e resistem a outras que sugerem operações mentais mais complexas? Assim, seguiu-se a aula.

Após o intervalo, buscamos elucidar o significado principal da palavra populismo, atentamos para algumas fotos contidas no conteúdo do livro didático que mostrava o presidente Juscelino Kubitschek no auge de seu governo (1959), numa visita a fábrica da Volkswagen. A outra foto revelava o presidente Lula (2003) numa visita a mesma fábrica no ano de comemoração de 50 anos da Volkswagen. Identificamos os dois presidentes como populistas, um dos aspectos flagrantes que apareciam nas fotos era a aglomeração de pessoas ao redor dos líderes. Nesse sentido, buscamos mostrar que a relação entre as massas e o líder populista é uma das características do populismo. Deste modo, encerramos a aula deste dia.

Na aula do dia 11/11/10 continuamos o assunto sobre Populismo. No entanto, expomos para os alunos o populismo no Brasil, já que o livro didático fala apenas do Populismo na América Latina. Selecionamos o texto “Democracia e populismo” extraído do site Brasil escola. Devido à inquietude da turma, a leitura do texto levou os 50 minutos da primeira aula. Decorrido o intervalo, retornamos a sala de aula e demos prosseguimento a aula referente ao texto. Assim, dividimos a turma para uma gincana. A divisão se deu em grupos de seis componentes cada, totalizando sete grupos. Ambos os grupos iriam formular questões sobre o texto e expor para os demais. Num primeiro momento, tivemos dificuldade, pois se tratando de uma gincana os alunos acabaram por tumultuar a aula e foi necessário chamar a atenção dos mesmos algumas vezes. Por fim, percebemos que as respostas dadas para as questões formuladas, não passavam de “cópias” de trechos do texto. Mais uma vez retomamos o debate buscando levar os alunos a expor suas próprias interpretações, mas apenas alguns alunos conseguiram interpretar e compreender de fato o tema principal do texto.

Tal dificuldade de interpretação se dava, sobretudo, pela indisciplina e conseqüente falta de atenção e concentração por parte dos alunos. Possivelmente o cerne dessa dificuldade seja devido ao fato dos alunos não serem exercitados para o debate. Assim sendo, demos por encerrada a aula deste dia.

No último dia de nosso estágio regência em 18/11/10, começamos a aula aplicando o exercício proposto no livro didático segundo recomendações da professora regente, pois este serviria como base de estudo para a prova a ser aplicada posteriormente pela mesma. Devido à indisciplina por parte dos alunos a resolução do exercício tomou toda a primeira aula. A professora regente chamava a atenção deles constantemente.

Na segunda aula, seguimos com a correção do exercício. Contamos com a participação dos alunos que escreviam no quadro negro suas respostas. Como uma última tentativa de desenvolver nos alunos um raciocínio mais crítico, procuramos fazê-los refletir sobre as respostas que eles escreviam no quadro, já que mais uma vez as respostas não passavam de trechos copiados do livro didático sem nenhum tipo de interpretação por parte dos alunos. Alguns corresponderam as nossas expectativas, mostrando-se realmente interessados em compreender o conteúdo, mas a maioria continuou atrelada a cópias de trechos do assunto sem a compreensão interpretativa.

Os alunos estão habituados a estudar a História e demais disciplinas como meramente decorativas, resultado do uso equivocado do livro didático como depósito de dados a serem simplesmente extraídos pelo aluno sem a tentativa de fazê-los compreender o que está ali escrito. Se faz necessário explorar mais a compreensão do aluno, buscando uma leitura interpretativa, fazendo-o entender o que lê. A forma como o livro didático é utilizado durante suas aulas está desvirtuada da sua verdadeira função, que é de servir como apoio a prática docente. Muitas vezes ele é tido como dono da verdade absoluta, e ao professor cabe simplesmente transmiti-las aos alunos. Todavia a questão não é o livro, mas a metodologia usada pelos professores.

Assim, demos por encerrada nossa última aula. Nos despedimos da professora regente, agradecendo pela colaboração prestada quando nos foi necessário já que se trata de uma profissional habituada a realidade da sala de aula, e dos alunos agradecendo pelos dias de regência que foram muito proveitosas.

3.INDISCIPLINA OU FALTA DE PLANEJAMENTO DIDÁTICO?

Durante a etapa de estágio, me deparei com uma questão que é decorrente na maioria das salas de aula, sobretudo nas de Ensino Fundamental II e Médio: a indisciplina dos alunos. Os professores falam sobre a indiferença e má vontade dos alunos e estes, falam sobre a incompreensão dos professores e a monotonia em sala de aula. Diante destas duas perspectivas opostas e críticas que valem ser discutidas, onde realmente está o problema? O

que vem primeiro: a atitude do aluno ou do professor? Um destes aspectos mencionados ou ambos juntos explicam a indisciplina?

O progresso testemunhado nas últimas décadas do século XX e início do XXI se reflete diretamente nas relações civis. Tal progressão nos faz perceber que o convívio social toma uma maior complexidade e as relações entram em crise. As instituições sociais passam por uma crise em sua autoridade e o espaço educacional está inserido nestas instituições. Essa crise se estabelece no campo escolar em decorrência da pouca credibilidade institucional entre escola e família. Essa divergência parte do fato das práticas escolares contemporâneas se sobressaírem às anteriores, onde a relação professor-aluno ainda se configura por práticas excludentes e autoritárias.

Partimos da crítica lançada pelos educadores a respeito da insignificância do professor no espaço escolar. Tal insatisfação pude presenciar durante o Estágio, em que a indisciplina é uma insatisfação prima entre os professores. Embora o estágio tenha sido realizado em uma escola de ensino público, a insatisfação não está restrita apenas a esta, mas em todos os contextos e níveis escolares. Trata-se, então, de uma problemática que está além do espaço escolar (seja público ou privado) e da prática docente, mas não a exclui.

Por ser uma questão constante, num breve esboço, podemos pensar a indisciplina atrelada a dois eixos: uma estrutura maior, em que temos família e o espaço social, onde o aluno está inserido e uma estrutura menor, que se encontra o campo escolar e a prática docente. De acordo com Leal (2005) “o planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro”. É nesse espaço menor que centro minha discussão a respeito da indisciplina, já que é nesta área que estou inserida enquanto educadora.

A relação existente entre a indisciplina e a política pedagógica no interior do espaço escolar é uma problemática a ser discutida com atenção, pois gira em torno de uma dupla insatisfação e submissão envolvendo diferentes atores sociais. De um lado, o professor se queixa da indisciplina escolar, da falta de domínio da turma, da desatenção, do desinteresse e acaba por criar os ditos “alunos-problema” em que Julio Groppa insere:

A justificativa do “aluno-problema” é uma espécie máxima muito recorrente no meio pedagógico, que se traduziria num enunciado mais ou menos parecido com este: se o aluno aprende/obedece, é porque o professor ensina/manda; se ele não aprende/obedece, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, carência ou falta de pré-requisito (GROPPA, 2003).

Assim quando, o aluno corresponde às expectativas do professor este se diz merecedor de todo mérito e quando o aluno não atinge o esperado pelo professor, ele é colocado um lugar à margem e visto como problemático? Desta forma o docente não está se ausentando da responsabilidade de tal problema?

Se atentarmos para o eixo maior que envolve o sistema educacional, nós discutiremos os fatores “família” e “espaço social” e de um modo geral, a sociedade, onde o aluno vive e estes, influenciam sim na relação professor-aluno e no comportamento do aluno em sala de aula. Mas, quando atentamos para o eixo menor, em que nos limitamos ao espaço escolar, não podemos ausentar a responsabilidade da prática docente no comportamento do aluno.

Podemos pensar num primeiro momento que professores e alunos devem se perceber como estando em uma relação de construção do conhecimento e se este processo não está se concretizando em sala de aula, deve ser compreendido como um indício de que a pedagogia aplicada não está sendo satisfatória, acabando por não atingir às expectativas preteridas pelo docente.

Remetendo a questão da indisciplina ao estágio pude perceber que tal problemática ocorre em parte por omissão do professor, no que diz respeito do planejamento didático, ou para ser mais concisa, a ausência do mesmo. Nesse sentido, busco mostrar que durante o estágio percebi quão importante é para o professor o ato de planejar a aula, como meio de envolver o aluno, para chamar-lhe a atenção para a aula de maneira prazerosa e não pela força do poder autoritário na sala de aula. Isto nos leva a questão suscitada por Foucault em que:

A disciplina não pode identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos (FOUCAULT, 1975).

Dentre os instrumentos para a construção desta “disciplina” temos como referência o planejamento didático. Sua finalidade, se pensada de maneira a englobar todo o ambiente educacional, pode diversificar o modo tradicional, disciplinarizante e subordinador da prática pedagógica. A ação pedagógica atinge diferentes sujeitos que experienciam situações diversas. Sabendo de tal envolvimento do professor, auferimos o questionamento de Corazza, que diz:

Então como ir para escola (significada como um território de luta por sentidos e identidades) e exercer uma pedagogia (entendida como uma forma de política cultural), sem planejar nossas ações? Ora, agir assim demonstraria que

no mínimo, não levamos muito a sério as responsabilidades pedagógicas e políticas do nosso trabalho! (CORAZZA, 1997).

Quando realizamos uma previsão bem feita do que será realizado em sala de aula, melhoramos muito o aprendizado dos alunos, que demonstram maior interesse e aperfeiçoam a prática pedagógica do professor, deixando de ser mero interceptor entre conteúdo do livro didático e o aluno. Tal assertiva nos leva a concluir que o planejamento didático é uma das ferramentas essenciais para um desenvolvimento pedagógico satisfatório. A partir da crítica dos alunos se pode, então, repensar as práticas na escola. Podemos concluir, a partir de Corazza que devemos:

Planejar sim, mas colocar nossos planos sob suspeição. Sabendo que, ao realiza-los, estamos sempre comprometidos como poder-saber integrante da ação de planejar, correndo o risco de enunciar uma dada ontologia moral e identitária nos alunos. Tendo presente que, ao planejar e ensinar, estamos implicados por determinados interesses, privilégios, sentidos e que somos fabricantes ativos de culturas, subjetividades, identidades e significações (CORAZZA, 1997).

O planejamento, o domínio do conteúdo são ferramentas importantes para o estabelecimento de uma relação de poder necessário entre professor e aluno, mas também construção de troca de conhecimento, onde o primeiro tem uma posição privilegiada, na medida em que tem por obrigação ser possuidor de uma maturidade intelectual superior ao seu aluno, buscando torná-lo mais autônomo. O uso do poder por parte do professor deve ser recomposto de maneira a tender as necessidades dos jovens, ou seja, um poder que também é construído através do respeito e alcançado através do planejamento de uma aula interativa e instigante para o aluno, em que este sinta sua importância como parte integrante para a formação daquele espaço escolar. Assim, nós educadores estaremos contribuindo efetivamente para a inserção dos alunos no eixo maior¹, que foi citado no início, e que trata do espaço social. É interessante mostrar para o aluno que a escola reproduz, em uma escala menor, as normas e hierarquias existentes na sociedade.

¹ Entendo que indisciplina envolve questões relacionadas a aspectos mais amplos que podem ser localizados tanto na sociedade como também dentro da escola. Neste caso ela extrapola o âmbito do planejamento, fazendo parte da Sociedade contemporânea brasileira de nossa cultura escolar.

3.1 – (Re) Pensando o Planejamento Didático

“O planejamento faz parte de um processo constante através do qual a preparação, a realização e o acompanhamento estão intimamente ligados” (KLOSOWSKI & REALI, 2008). A partir do que vivenciei no estágio, no qual não me foi dada autonomia para a construção de um planejamento, me senti instigada para a produção deste tópico. Neste, explico um breve esquema das etapas de um planejamento, que corresponda a algumas especificidades do aluno. Portanto, a partir do que vivenciei no estágio, percebi como as práticas do professor também inspiram posturas nos alunos. Assim, observei que quando é elaborado e, sobretudo, executado o planejamento, isto é, acionar o que havia planejado anteriormente para a aula, os alunos respondiam de forma mais positiva as minhas expectativas; eles participavam da discussão e ficavam mais quietos na sala. Todavia, devido a interferências da professora durante a regência das aulas², não era possível o desenvolvimento pleno do que foi planejado. Neste caso, os alunos respondiam de maneira inversa, eles conversavam, mantinham-se agitados e dispersos, atrapalhando a dinâmica da aula.

Devemos pensar constantemente para quem serve o planejamento, o que se está planejando e para quem vão servir as suas ações. Para nos auxiliar na construção um planejamento se faz necessária algumas indagações como: O que se pretende fazer, por que e para quem? Quais os objetivos? Que meios e estratégias poderão ser utilizados para alcançar tais objetivos? Como avaliar se os resultados estão sendo alcançados?

De acordo com Klosowski & Reali (2008) é com base nessas perguntas e nas suas respectivas respostas que são determinadas algumas etapas dentro do planejamento e que busquei usar como norte para a construção do planejamento das aulas de estágio:

- **Diagnóstico da realidade** – Etapa onde o professor deve fazer uma pesquisa sobre a realidade que se encontram os seus alunos, qual é o nível de aprendizagem em que estão e quais as dificuldades existentes. A partir daí o professor elabora seu plano de ensino.
- **Definição do tema e Fase de preparação** – Nesta fase é feita a escolha do tema e são previstos todos os passos que farão parte da execução do trabalho. Nela são definidos os

²Compreendo que a intenção da professora ao interferir era no sentido de ajudar no desenvolvimento da aula.

objetivos gerais e específicos, e são selecionados e organizados os conteúdos, os procedimentos de ensino, as estratégias a serem utilizadas, bem como os recursos metodológicos.

- **Avaliação** – Nesta etapa devem ser elaborados instrumentos e estratégias apropriadas para a verificação dos resultados. Contudo, não podemos considerar a avaliação simplesmente como um resultado final, pois ela deve ser analisada durante todo processo de ensino-aprendizagem.

Apesar do planejamento da ação educativa ser de suma importância, existem professores que são negligentes na sua prática, improvisando suas atividades, em consequência disso, ficam inseguros e não conseguem alcançar os objetivos quanto à formação do cidadão crítico.

Embora haja o contraste entre teoria e prática, devemos ter consciência que mudar a forma de ensinar é possível, mas a mudança deve começar aos poucos para que os alunos possam se acostumar e se sentirem atraídos por esse ensino mais dinâmico. É necessário trazer os alunos para as discussões e pouco a pouco ir introduzindo na sala de aula novos recursos e materiais didáticos. O aluno precisa construir seus próprios conhecimentos, só assim é possível formar um cidadão consciente dos seus direitos e deveres perante a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da experiência no campo de estágio, foi possível perceber o choque entre a teoria e a prática, pois nem sempre os conteúdos estudados durante nosso curso são apresentados ainda que considerando o nível ao qual se destina: Ensino Fundamental II e Médio. Portanto, sugere uma reestruturação de ambos, como uma maneira de promover o melhor entrosamento tanto do estudante em formação acadêmica quanto em sua futura profissão de professor atuante em sala de aula, onde irá atuar numa realidade totalmente diferente.

A realidade observada durante o período do estágio é de uma educação tradicional, em que o professor utiliza como instrumento metodológico indispensável o livro didático e automaticamente acionam uma metodologia que reprime e limita a fala do aluno e sua capacidade interpretativa. Isso se reflete diretamente na aprendizagem dos alunos, pois estes

se acostumam somente a copiar dos livros e a receber conteúdos prontos e, quando são instigados a escrever e a dizer o que pensam de um assunto, apresentam muitas dificuldades.

O professor precisa trabalhar novas metodologias de ensino e renovar suas práticas, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem ligação com a realidade dos alunos. Isso acaba por gerar desinteresse nas aulas, em que muitos alunos estudam apenas “para passar de ano” sendo necessário apenas memorizar e transcrever o texto para a prova. A partir do entrelaçamento dos saberes, a aprendizagem em todos os sentidos se torna mais prática e de grande importância funcional durante o processo ensino-aprendizagem.

Seria, portanto, conveniente adotar uma prática de ensino que tivesse mais relação com a realidade e o cotidiano do alunado. As experiências dos alunos devem ser aproveitadas e problematizadas em sala de aula, pois a escola tem um forte papel social para a formação do ser humano e de sua cidadania. Todavia, trabalhar este saber cotidiano é um desafio para todos nós.

Deste modo, cabe a nós futuros professores vencer e superar a prática de uma História como disciplina estática que foi e continua sendo trabalhada nas escolas. Para romper com tal modelo, é preciso estimular a curiosidade e a criatividade do aluno para que ele possa se sentir envolvido o suficiente para trazer suas contribuições para a sala de aula, suscitando um espaço onde exista trocas de conhecimento, diálogo e relação com realidades diferentes. Essas possibilidades não podem ser dissipadas, pois a escola deve permitir situações para que o aluno desenvolva-se de forma mais autônoma, adquirindo criticidade para se posicionar na sociedade da qual faz parte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. Cad. Pesquisa, São Paulo, n.º. 93 (p. 22-23), maio de 1995. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/649.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2011.

CALLAI

CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Planejamento de ensino como estratégia de política cultural**. São Paulo: Papirus, 1997

_____. **Projetos pedagógicos: a educação integral e os arranjos possíveis**. São Paulo: Memorial América Latina, 2006

_____. **Planejamento de ensino como estratégia de política cultural**. In: Currículo: questões atuais. São Paulo: Papirus, 1997.

FRANÇA, Dimair de Souza. **Formação de Professores: a parceria escola-universidade e os estágios de ensino**. São Leopoldo – RS. UNI revista - Vol. 1, n.º 2: (abril 2006). Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Franca.pdf. Acesso em 03 de setembro 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GROPPA, Julio Aquino. **Disciplina e indisciplina como representações da educação contemporânea**. In: Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003.

KLOSOSKI, Simone Scorsim, REALI, Klevi Mary. **Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem**. UNICENTRO - Revista Eletrônica *Lato Sensu*. 5ª Edição – 2008. ISSN: 1980-6116. Disponível em: http://web03.unicentro.br/especializacao/Revista_Pos/P%C3%A1ginas/5%20Edi%C3%A7%C3%A3o/Humanas/PDF/7-Ed5_CH-Plane.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2011.

LEAL, Regina Barros. **Planejamento de ensino**. Disponível em: <http://www.rioei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>. Acesso em: 2 de dezembro de 2011.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: História, 3ª ed. Brasília, 2001. WILLIAM LARA.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.

TERUYA, Marisa Tayra. **Mapeando perfil dos professores de História na Paraíba**.